

ARGUMENTAÇÃO NO GÊNERO SEMINÁRIO: NOÇÕES ELEMENTARES SOB A PERSPECTIVA DO LIVRO DIDÁTICO

ARGUMENTATION IN THE SEMINAR GENRE: ELEMENTARY NOTIONS FROM THE PERSPECTIVE OF THE TEXTBOOK

Edmar Peixoto de Lima¹
Anadja Jeane da Silva²
Jessica Rayane Marinho Félix³
Hilma Liana Soares Garcia da Silva⁴

Resumo: O seminário, muitas vezes, é compreendido como um gênero pertencente, apenas, ao ambiente universitário; no entanto, o livro didático (LD) revela a necessidade também de se discutir esse tema na Educação Básica, uma vez que essa ação desponta, inclusive, como uma atividade avaliativa em diversos espaços estudantis. Nesse sentido, esta investigação objetiva analisar os aspectos argumentativos que envolvem a organização do gênero seminário no Ensino Médio e se propõe a responder os seguintes questionamentos: como esse gênero é tratado na Educação Básica? e quais estratégias são evidenciadas no LD, quando orienta o aluno no processo de organização do seminário? Metodologicamente, o presente estudo elege como foco analítico a obra intitulada *Se liga na língua vol. 2*. E, como referencial teórico, fundamenta-se nos pressupostos defendidos por Bakhtin (1997), Marcuschi (2003), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Schneuwly e Dolz (2011), Koch e Elias (2017), entre outros estudiosos. Do ponto de vista das análises, o LD revela que o seminário: i) faz parte das diversas atividades educacionais; ii) tende a influenciar a audiência sobre a defesa de posicionamentos, portanto, necessita do uso de estratégias argumentativas e iii) instiga a adequação da língua. Diante desses dados, a presença do gênero na Educação Básica figura como uma prática importante no processo de formação estudantil, considerando, sobretudo, a relevância das ações de planejar a atividade, de organizar, sistematizar e sequenciar os conhecimentos, assim como, de viabilizar o engajamento dos alunos envolvidos na construção e exposição do seminário escolar.

¹ Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), professora-adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3705801164982732>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8827-113>. E-mail: edmarpeixoto@uern.br.

² Graduanda pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7090192310249131>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4022-8539>. E-mail: anadjaeane@gmail.com.

³ Graduanda pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3664512968781554>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7594-8870>. E-mail: jessicafelix@alu.uern.br.

⁴ Mestre em Ensino pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6535276458422852>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5232-2058>. E-mail: hilmaliana14@gmail.com.

Palavras-chave: princípios argumentativos; aspectos organizacionais; seminário; livro didático.

Abstract: The seminar is often understood as a genre belonging only to the university environment; however, the textbook (LD) also reveals the need to discuss the topic in Basic Education, since this action even emerges as an evaluative activity in various student spaces. In this sense, this investigation aims to analyze the argumentative aspects that involve the organization of the seminar genre in High School and proposes to answer the following questions: how is this genre treated in Basic Education? and what strategies are evidenced in the textbook, when it guides the student in the process of organizing the seminar? Methodologically, the present study chooses as an analytical focus the work entitled *Se liga na língua* vol. 2. And, as a theoretical framework, it is based on the assumptions defended by Bakhtin (1997), Marcuschi (2003), Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Schneuwly and Dolz (2011), Koch and Elias (2017), among others scholars. From the analysis point of view, the LD reveals that the seminar: i) is part of the various educational activities; ii) tends to influence the audience on the defense of positions, therefore, it requires the use of argumentative strategies and iii) instigates the adequacy of the language. Given these data, the presence of gender in Basic Education appears as an important practice in the student training process, considering, above all, the relevance of actions to plan the activity, to organize, systematize and sequence knowledge, as well as to enable the engagement of students involved in the construction and exhibition of the school seminar.

Keywords: argumentative principles; organizational aspects; seminar; textbook.

Introdução

O ambiente escolar proporciona aos alunos e professores a interação entre vários grupos sociais, pertencentes a culturas diferenciadas, viabilizando formas de linguagens também singulares. Esse processo interacionista reivindica dos envolvidos a capacidade de mobilizar distintos saberes, com a finalidade de tornar o convívio o mais aceitável possível. Por essa razão, a nosso ver, a escola figura como um espaço cujo compromisso é o de oportunizar conteúdos em sala de aula de forma contextualizada e adequada aos níveis de conhecimentos dos alunos. Com base nesse entendimento, o presente trabalho expressa o resultado de uma parceria entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e as Escolas da Educação Básica preceptoras do Projeto de Iniciação à Docência (PIBID)⁵.

⁵ O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o PIBID faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/pibid>.

Incentivar, pois, a expansão das questões que envolvem o letramento escolar dos sujeitos envolvidos no acesso ao conhecimento é o princípio fundamental da formação educacional. E a oralidade, nesse caso, consiste em uma habilidade necessária ao processo, tendo em vista a importância da linguagem para a comunicação humana. Sendo assim, pensamos ser o seminário um espaço de interlocução, cujo objetivo além de expor as ideias conteudistas propostas pelo gênero, também revela a tentativa de o orador influenciar o auditório sobre as formas de ver, de sentir e de entender as informações expostas por cada contexto de enunciação. Entendemos, portanto, com base nessa proposição e nos preceitos defendidos por Amossy (2018), que o gênero seminário tanto pode apresentar uma visada argumentativa como uma dimensão argumentativa com modalidade pedagógica. Por isso, é justamente com foco nesta ideia da manifestação interacionista que recorreremos à análise dos aspectos norteadores e organizacionais explicitados nas práticas discursivas de base oral, principalmente o seminário, com o propósito de compreender os elementos envolvidos na construção do gênero.

Assim, esta pesquisa toma como pressuposto a concepção de que o gênero seminário acadêmico, muitas vezes, compreendido como um tema pertencente apenas ao ambiente universitário, configura-se em uma atividade necessária aos diversos espaços do conhecimento e, conseqüentemente, faz parte também dos conteúdos abordados na Educação Básica. Esse posicionamento se justifica, inclusive, pelo fato de o seminário ser um dos temas contemplados no Livro Didático (LD), o que pode figurar como um alerta para a necessidade de aprofundar questões que contemplem o gênero.

Com o propósito de instigar as nossas discussões, neste trabalho, questionamos: i) como o seminário escolar é tratado na Educação Básica, considerando as atividades expostas no LD? e ii) quais recursos são mobilizados pelos autores quando apresentam as orientações que norteiam o processo de organização do seminário? Assim, a presente pesquisa objetiva analisar os aspectos argumentativos que envolvem a organização do gênero seminário no Ensino Médio e elege como foco analítico o LD intitulado *Se liga na língua - volume 2*. A escolha por essa obra se justifica pelo fato de ser esse o livro utilizado em uma das escolas receptoras para o desenvolvimento das ações do PIBID.

Do ponto de vista metodológico, selecionamos o capítulo do livro que trata da fala planejada e delimitamos o gênero seminário como foco de análise deste trabalho. Teoricamente, os fundamentos se vinculam aos pressupostos defendidos por Bakhtin (1997) e Marcuschi (2003), quando tratam das questões sobre gênero; aludimos aos preceitos apresentados por Schneuwly e Dolz (2011) no tratamento sobre os gêneros orais e, com relação aos aspectos argumentativos, recorreremos aos estudos defendidos por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Koch e Elias (2016), Amossy (2018), entre outros estudiosos.

Sob a perspectiva analítica, os resultados apontam que o livro didático aborda as questões que envolvem o seminário na formação do aluno, em consonância com o estímulo do uso das técnicas argumentativas no planejamento do gênero; propõe roteiros para a realização do seminário, cuja finalidade consiste em oferecer suportes e recursos para orientar o estudante e sugere o estabelecimento dos critérios necessários à realização do seminário em sala de aula e ao cumprimento de uma avaliação, com princípios pré-estabelecidos.

Em suma, consideramos as discussões tratadas nesta pesquisa como relevantes por possibilitarem reflexões capazes de contribuir para a formação de um sujeito mais atuante e participativo, visto que, ao tomar a palavra, há sempre a tentativa de o orador instigar no outro uma possível resposta às construções já ditas ou a dizeres que ainda serão proferidos. Dito isso, em seguida, expomos o processo de organização do seminário, com destaque para a conceitualização e o propósito comunicativo do gênero.

Aspectos caracterizadores do gênero seminário: o que é, como se organiza?

Compreender o espaço escolar como o território que viabiliza o trabalho com a pluralidade de gêneros, que circulam na sociedade, é pensar em práticas de interação que priorizem também os aspectos da oralidade, mobilizando saberes sobre a fala planejada e recorrendo aos usos da língua em situações concretas de comunicação. Entre esses gêneros, elegemos o seminário que, a nosso ver, também é formado por atividades escritas, embora seja a oralidade a categoria da linguagem que mais se destaca nas práticas em sala de aula. O seminário se realiza, comumente, durante uma aula ou em evento acadêmico, como um congresso, por exemplo.

Além disso,

[u]m seminário caracteriza-se preponderantemente pelo envolvimento entre professor, alunos expositores e audiência, mediados pela leitura. Assim, ao sugerir um conteúdo temático para ser apresentado sob a forma de seminário, o professor deve ter clareza das características do gênero exposição oral e da necessidade de propor uma interação ativa entre ele e os estudantes, entre estes e as fontes de conhecimento e a audiência (GOULART, 2017, p. 6).

A clareza de que trata a autora, entendida como a atenção necessária ao processo de organização do seminário, versa sobre a indispensabilidade de envolvimento da comunidade escolar nesse processo de socialização dos saberes. Essa relação funciona como forma de motivar o aluno no sentido de ele ser capaz de recorrer ao uso eficaz da oralidade, adequando-a às práticas sociais de linguagem.

Nesse sentido, com relação aos possíveis temas a serem trabalhados em sala de aula, convém destacar que esses devem ser selecionados com vistas a provocar curiosidade no aluno e, conseqüentemente, instigar o desejo de aprender mais sobre o assunto. Nessa busca pelo saber, o professor figura como o protagonista que deve incentivar o estudante a também ser capaz de realizar pesquisas eficazes no processo de construção do planejamento desse gênero.

Para respaldar esse nosso entendimento, recorreremos aos documentos norteadores da Educação Básica que apontam para a necessidade de se trabalhar com os gêneros orais na sala de aula, nesse caso, mais especificamente, no Ensino Médio. Destacamos os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1999), quando afirmam que, devido ao caráter sociointeracionista da linguagem, o ensino de Língua Portuguesa deve pautar-se no texto como unidade básica da linguagem verbal e permitir o pleno desenvolvimento das capacidades cognitivas e comunicativas dos alunos, nas quais entendemos que o ensino da oralidade pode e deve estar inserido.

Seguindo a mesma vertente, as Orientações Curriculares do Ensino Médio (BRASIL, 2008) apresentam eixos organizadores para elencar práticas referentes às atividades de produção e recepção de textos e enfocam alguns eventos da oralidade como fundamentais, a exemplo dos gêneros debate e seminário. Essas orientações evidenciam que:

[p]or meio desse tipo de expediente, pode-se não só contribuir para a construção e ampliação de conhecimentos dos alunos sobre como agir nessas práticas, como também promover um ambiente profícuo à discussão e à superação de preconceitos linguísticos e, sobretudo, à investigação sobre as relações entre os gêneros da oralidade e da escrita, sobre a variação linguística, sobre níveis de formalidade no uso da língua, por exemplo (BRASIL, 2008, p. 37).

De acordo com as orientações mencionadas, é pertinente perceber que o documento enfatiza não só a ampliação do repertório linguístico dos estudantes, mas também as questões que permeiam as relações entre o oral e o escrito, e mais que isso, ressalta os saberes necessários à reflexão sobre as variedades linguísticas tão presentes no cotidiano e nas práticas sociais dos estudantes, dentro e fora dos muros da escola. Sendo assim, em conformidade com a OCEM, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) acrescenta que esse trabalho com a oralidade se fundamenta no uso da língua em consonância com a adequação dos discursos ao campo de atuação social, considerando os contextos enunciativos, os interlocutores envolvidos, bem como a seleção e o planejamento dos recursos linguísticos necessários ao processo comunicativo.

Sob essa perspectiva, torna-se evidente a necessidade de um tratamento sistemático com a oralidade na sala de aula, principalmente no tocante à escolha dos gêneros a serem trabalhados, quando se tem como foco a fala planejada. Para Marcuschi (2008), essa escolha deve considerar os domínios discursivos⁶ que envolvem as práticas de produção textual e suas formas de uso de acordo com a ação comunicativa. Desse modo, o gênero exposição oral, assim denominado por Schneuwly e Dolz (2011), enquadra-se no domínio discursivo instrucional (científico, acadêmico e educacional), o qual possibilita a sistematização do ensino mediante as prioridades e os objetivos do ensino e aprendizagem.

Dolz *et al.* (2004, p. 184), ao comentarem sobre uma pesquisa realizada com professores de 6ª série na Suíça, relatam que “a exposição é a atividade mais frequentemente mencionada por esses mesmos professores, quando se lhes pergunta, dentre as atividades propostas, as três que lhes parecem mais úteis para desenvolver o domínio da oralidade”. Isso quer dizer que, geralmente, embora o

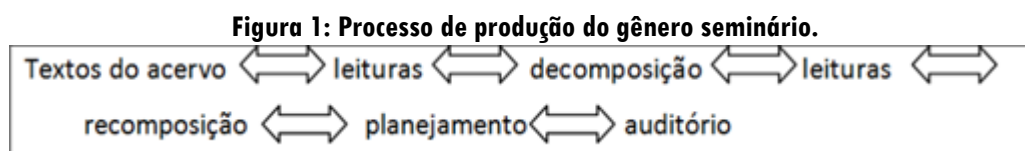
⁶ “Usamos a expressão *domínio discursivo* para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana” (MARCUSCHI, 2005, p. 23, grifo do autor).

seminário não esteja ligado diretamente à experiência escolar do aluno, ele é importante para o desenvolvimento da oralidade e, mais ainda, para apreender conteúdos diversificados, já que o aluno, ao se apresentar, precisa estudar e se preparar com mais produtividade e selecionar o material necessário para figurar no papel de especialista. Desse modo, são basilares os percursos de orientação sobre o gênero, tanto no que se refere às suas peculiaridades quanto às formas de utilizá-lo. Sobre essa questão, Cavalcante e Melo (2006, p. 184), que pesquisam a respeito do ensino da oralidade no Ensino Médio, afirmam que, para essa tarefa ser bem sucedida

[o] aluno precisa ser orientado sobre os contextos sociais de uso dos gêneros requeridos, bem como familiarizar-se com suas características textuais (composição e estilo, entre outras). O aluno necessita saber, por exemplo, que apresentar um seminário não é meramente ler em voz alta um texto previamente escrito. Também não é se colocar à frente da turma e “bater um papo” com os colegas sobre aquilo que pesquisaram.

Claramente, os autores demonstram a preocupação e a necessidade de uma sistematização do ensino da oralidade, com foco não só nas características intrínsecas ao gênero, mas também no desenvolvimento de posturas adequadas à sua utilização nas práticas de sala de aula, frente a um auditório que também pode interagir, efetivamente, ao emitir opiniões ou questionamentos sobre a temática exposta. Nesse processo, entre o planejamento e a exposição propriamente dita, há alguns passos a serem seguidos, que devem incluir a pesquisa de textos e as leituras diversificadas para ampliar o repertório temático, até que o assunto seja assimilado pelo expositor.

Sobre esse posicionamento, Goulart (2017) apresenta uma sumarização da produção de um seminário que demonstra todo o processo, conforme se apresenta na Figura 1, a seguir:



Fonte: Goulart (2017, p. 236 adaptado de Gomes-Santos, 2012, p. 17).

Observamos, portanto, com base nas orientações expostas pela autora, que é necessário seguir determinadas estratégias para que a exposição oral cumpra o

propósito comunicativo a que se propõe, não sendo possível pular etapas, caso se deseje desenvolver um trabalho de qualidade.

Além disso, essas etapas não são lineares, já que o estudante, responsável pela organização do plano de atividades, a qualquer momento, durante o processo, pode retornar a etapas anteriores na tentativa de realizar possíveis ajustes e fazer outras releituras do material coletado. Essas retomadas tornam-se eficazes na construção do gênero por ser imprescindível o envolvimento do auditório e pela tentativa de suscitar outras formas de compreender a temática abordada no seminário.

Convém destacar, ainda, nesse contexto de organização dessa atividade, o entendimento de que qualquer gênero destinado a um público, formalmente delineado, não deve ter como base somente a ideia de improvisação, embora saibamos que todo planejamento é flexível. Por essa razão, retomando as palavras de Goulart (2017), reafirmamos a indispensabilidade de realização do planejamento na produção do seminário, seguindo as etapas propostas como forma de se obter melhores resultados no processo de aprendizagem.

Mesmo os gêneros orais, considerados por uma parcela de professores como mais informais (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007), por apresentarem alguns fenômenos que na escrita não são comuns, como por exemplo, a hesitação e a correção, são gêneros que precisam ser ensinados do ponto de vista do planejamento das ações. Assim, o seminário necessita da aprendizagem com o objetivo de se aproximar de certo grau de formalidade. E mais que isso, precisa que o professor desenvolva com os seus alunos competências adequadas às condições de produção e recepção do gênero (ANTUNES, 2003).

Sobre a diferença entre o seminário acadêmico e o escolar, Nascimento, Silva e Gladenucci (2018) ressaltam que existe uma distinção com relação ao tratamento do gênero pelos professores. De acordo com os pesquisadores, enquanto o docente da Educação Básica foca na segurança e na criatividade do aluno durante a apresentação, o professor universitário ressalta a preferência pela exposição do conteúdo. Para a academia, um fator preponderante reside na profundidade da pesquisa e do conteúdo socializado.

Ainda de acordo com os autores, por ser um gênero complexo, essa forma de avaliação não necessariamente pode significar sucesso para o aluno, pois, muitas

vezes, o estudante não consegue se expressar por algum outro motivo e não somente por que não assimilou ou não domina o conteúdo. Conforme destacam Nascimento, Silva e Gladenucci (2018, p. 727), a seguir:

[o] professor acadêmico, ao solicitar um seminário para o universitário, tem uma representação social e subjetiva deste como: instruído, maduro e experiente na realização de seminários, pois, o docente projeta a imagem de que o aluno já apresentou outros seminários, antes, na fase de Educação Básica.

Inferimos, com base nesses preceitos, a necessidade de se priorizar na Educação Básica o ensino e aprendizagem dos gêneros orais, sobretudo, com base na inevitabilidade de se planejar a fala, mediante um processo sistemático.

Em suma, é importante destacar que nesse processo de organização, os alunos devem ser orientados a se apropriarem do gênero e das estratégias possíveis para desenvolvê-lo com competência, considerando as situações concretas de uso. Sob essa perspectiva, exploramos, na seção seguinte, aspectos da argumentação que, de acordo com o LD em análise, podem subsidiar a organização dos gêneros orais, de modo geral, e principalmente, o seminário, objeto de estudo deste trabalho.

Preceitos norteadores da argumentação

As interações se materializam por meio da linguagem e promovem, pelas trocas linguageiras, a circulação de informações, de conhecimentos, entre outras possíveis ações comunicativas. Nesse sentido, retomamos as palavras de Abreu (2013) para afirmar que, no contato entre os pares, não há apenas um vínculo informativo, mas sim, também, um gerenciamento de relações em que um dos participantes da ação tenta estabelecer a influência e a confiabilidade daquilo que está sendo dito. Para o autor supracitado, essa relação se configura no ato de argumentar.

Mediante esse entendimento, delimitamos como ponto norteador para este trabalho a compreensão da argumentação como uma ação que se constitui no compartilhamento de diferentes pontos de vista e na defesa de ideias, posicionamentos e valores. Esse contexto argumentativo se consubstancia na tentativa de os participantes exercerem algum tipo de influência sobre o outro da comunicação, cujo propósito consiste em o orador se direcionar ao auditório ou a

um grupo de pessoas, com o objetivo de influenciar as formas de ver, de sentir e de entender as questões que lhe são apresentadas (AMOSSY, 2018). Convém destacar que o seminário pode ser considerado como um gênero que faz parte da modalidade pedagógica, visto que, nas palavras da Amossy (2008, p. 234), tal modalidade figura como “uma instância de locução em posição superior transmite um saber e leva à reflexão um auditório que ocupa o lugar de aprendiz, pelas vias do diálogo ou da troca verbal sob a forma monogerida.”

O empreendimento de agir sobre o outro, nesse contexto, instiga-nos a relacionar as ideias expostas anteriormente sobre a fala planejada com os posicionamentos defendidos por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), quando afirmam que, no período da retórica clássica, era extremamente comum que multidões se reunissem para tratar de um tema central, que na maioria das vezes, era dirigido por filósofos ou por um indivíduo que se acreditava ter muito conhecimento. Assim, a sensibilidade de conhecer algo novo projetava nesses indivíduos uma visão de racionalidade e de prestígio desse orador.

A atividade argumentativa pressupõe a exposição de pontos de vista que podem ser defendidos ou refutados por meio de argumentos mobilizados para embasar determinados posicionamentos. Sobre essa questão, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 325) expõem que “qualquer argumentação, para ser eficaz, deve apoiar-se em teses admitidas pelo auditório”. Dessa forma, compreendemos que o orador não defende qualquer perspectiva ou expressa qualquer concepção ou ideia, mas enuncia aquilo que acredita ser possível instigar no auditório condições de aceitação e/ou de entendimento das concepções apresentadas, no caso do seminário, por exemplo.

Sendo assim, a comunicação social se processa por meio de enunciados, orais e escritos, já anunciava Bakhtin (1997), que preceitua aspectos diferenciadores desses enunciados à medida que os contextos e os grupos para os quais se direcionam as comunicações se desenvolvem ou se modificam diferentemente. Essa questão se vincula à noção de auditório, revelando que ao proferir um discurso, o orador não deve pensar apenas no uso dos argumentos, mas também no público que objetiva influenciar com os dizeres e no próprio contexto comunicativo que, interfere, por sua vez, nas tomadas de decisões do orador. Dessa forma, com base nos estudos sobre os gêneros orais, assumimos a concepção de auditório como um

sujeito ou um grupo de pessoas que se deseja influenciar, exercendo uma ação de mudança (ou não) nos modos de perceber e entender os conteúdos e apreender as concepções sobre as temáticas que circulam nas práticas de linguagem.

Neste sentido, é preciso destacar e esclarecer o papel que cumpre o auditório nesse processo. Ele não se resume a um personagem coadjuvante que exerce a função apenas de escuta e de julgamento dos dizeres apresentados por aqueles que assumem o papel social de orador no momento da interlocução, mas como um objeto do discurso, uma vez que é em função dele que o orador seleciona o conteúdo e os argumentos que considera mais adequados ao contexto; pois, “o falante, para levar o ouvinte a rever uma opinião ou a aceitar a que pretende defender, deve escolher e organizar seus argumentos e suas provas e pensar em uma abordagem capaz de cativar seu interlocutor” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 176).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) evidenciam o propósito do orador de estabelecer uma relação harmoniosa entre os argumentos mobilizados, por ele, no discurso e as crenças e valores partilhados pelo auditório. Essa tomada de posição, segundo os autores, viabiliza a ampliação e a valorização das ideias expostas e poderá funcionar como uma espécie de estratégia de sedução, provocando no interlocutor uma sensação de credibilidade e de confiabilidade.

Com base nesse entendimento, o gênero seminário desenvolvido na Educação Básica, possivelmente, mobilizaria preceitos argumentativos diferentes daqueles que o orador acionaria caso estivesse em um congresso universitário. Sob essa perspectiva, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 73) destacam: “[d]o princípio ao fim, a análise da argumentação versa sobre o que é presumidamente admitido pelos ouvintes”, ou seja, o orador se utiliza da língua como forma de adequação ao auditório, e para isso, alude a argumentos considerados por ele convincentes e tenta estabelecer uma relação de influência.

De acordo com os estudiosos, as técnicas argumentativas funcionam como possíveis estratégias utilizadas pelo orador com a finalidade de atuar, de alguma forma, sobre o auditório, destacando as ligações e as dissociações de noções como técnicas que viabilizam fundamentar a exposição dos posicionamentos. Os autores anunciam os argumentos quase lógicos, construídos a partir da interrelação entre aquilo que se defende e uma proposição vinculada à lógica formal da língua, que

pode ser compreendido pelo auditório como uma forma de estabelecer uma relação lógica entre as ideias defendidas e os argumentos expostos.

Sobre os argumentos baseados na estrutura do real, entendemos que essa técnica é utilizada com a finalidade de expressar apoio entre as teses e os argumentos possivelmente admitidos pelo auditório, podendo ser comprovados com dados vinculados à realidade. Já com relação aos argumentos que fundamentam a estrutura do real, são técnicas capazes de estabelecer uma generalização e regularidades entre os argumentos e aquilo que o orador almeja defender, propondo modelos, ilustrações e exemplos por meio de casos particulares que podem ser analisados pelo auditório. Por fim, o esquema de dissociação, cujo princípio básico é a ruptura entre a aparência e a realidade, ocorre por apresentar ao auditório aquilo que convém ou não a determinado ponto de vista.

Dessas técnicas, identificamos no LD: i) os argumentos quase lógicos: a definição; ii) os argumentos baseados na estrutura do real: argumento de autoridade e iii) as ligações que fundamentam a estrutura do real: argumento pelo exemplo. A primeira técnica diz respeito à possibilidade de se encontrar registros diferentes para os objetos da língua, conseqüentemente, torna-se necessário que se escolha a definição que melhor se adegue ao contexto da situação de comunicação, atentando para o fato de que a “definição utilizada é considerada expressão de uma identidade” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA (2005, p. 243). E, “o modo de definir depende das finalidades argumentativas”, portanto, a seleção por determinadas definições figura como uma maneira de influenciar o auditório a construções norteadoras de significados. Quer dizer, a escolha por uma definição revela concepções, crenças e ideologias de quem realiza essa ação, bem como, pode estabelecer certa filiação teórica.

Sobre o argumento de autoridade, nas palavras dos autores do tratado, é o tipo de argumento que se vincula fortemente à ideia de prestígio de uma pessoa ou grupo de pessoas, por meio dos seus atos ou posicionamentos, “mencionando seus conhecimentos ou [...] [suas] qualidades” (FIORIN, 2015, p. 176). Nesse caso, os valores que se espera evidenciar perante o auditório, no uso desse argumento, relaciona-se à noção de respeito, de reverência ou de reconhecimento aos saberes ou conhecimentos demonstrados.

No que se refere ao argumento pelo exemplo, ao ser utilizado no processo comunicativo, funciona como forma de o auditório estabelecer generalizações tomando por base os casos descritos pelo orador. Ou seja, ao invocar um acontecimento conhecido pelo auditório “que fundamenta uma regra, nova pelo menos sob alguns aspectos” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA (2005, p. 400), o orador pode provocar a construção de um posicionamento ou uma generalização que figure como princípio, lei ou regra [que pode] ser adotado pelo auditório.

Em suma, após esses encaminhamentos sobre os aspectos argumentativos, na seção seguinte, tratamos de sistematizar alguns princípios organizacionais, bem como pretendemos demonstrar de que modo a argumentação, sobretudo, as técnicas argumentativas são mobilizadas no processo de planejamento e de exposição do gênero seminário, considerando o ponto de vista do LD.

O seminário no livro didático: alguns princípios elementares

Conforme os preceitos já anunciados neste artigo, o seminário é um gênero textual com predominância das características das atividades orais, realizado por meio de métodos e estratégias formais, cujo objetivo é a exposição de um tema central por parte de uma pessoa ou de um grupo de pessoas sobre um determinado assunto. É um gênero que suscita um agendamento prévio para a sua concretização, haja vista ser essencial uma maior preparação por parte dos sujeitos envolvidos na organização.

Por outro lado, o seminário acadêmico/escolar se configura em uma ação de natureza pública, visto que é um gênero praticado tanto em sala de aula como trabalho avaliativo, quanto em congressos e eventos acadêmicos diversificados, com a finalidade de socializar resultados obtidos com as pesquisas científicas desenvolvidas no espaço educacional, bem como em feiras de ciências e demais atividades escolares. Nesse sentido, a realização do seminário suscita a utilização de inúmeras estratégias no momento da apresentação por parte de quem ocupa o lugar de orador ou coordenador da atividade.

Na efetivação desse gênero, independentemente do espaço em que ele esteja se desenvolvendo, podem ocorrer situações que exijam a construção de novos posicionamentos com relação ao assunto, dúvidas e/ou questionamentos

evidenciados durante a apresentação. Esses possíveis *feedbacks* advindos do auditório não devem funcionar como um aspecto inibidor para aqueles que estão na condição de expositor, mas devem, sobretudo, ser concebidos como um elemento motivador para que os responsáveis pela tarefa dediquem mais tempo ao processo de planejamento e de organização do tema e do conteúdo. Essa etapa de preparação, por parte dos expositores, funciona como uma forma de os estudantes serem capazes de construir respostas a possíveis indagações, tomando por base os conhecimentos adquiridos durante a elaboração das atividades que serão desenvolvidas no decorrer do seminário.

Em função desses posicionamentos, julgamos a argumentação como um tema essencial na construção do gênero. Por essa razão, assumimos, com base nos preceitos defendidos por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), que o responsável pela organização do seminário (orador) deve considerar, imprescindivelmente, que a exposição realizada por ele se direciona a um interlocutor (auditório) e que, nesse contexto enunciativo, o propósito do gênero não é somente o de expor ideias; mas também o de tentar modificar as formas de compreensão do conteúdo, de entendimento dos posicionamentos apresentados, viabilizando, portanto, o processo de conhecimento sobre as questões explanadas.

Sendo assim, realizadas as primeiras ponderações sobre o gênero, consideramos importante observar como o seminário é evidenciado na Educação Básica como prática de linguagem, atentando para os procedimentos descritos no LD *Se Liga na Língua – volume 2* e para a forma como os autores mencionam os recursos argumentativos suscitados no processo de organização do gênero. De modo geral, convém afirmar que, quando os escritores sugerem a utilização dos elementos organizacionais na construção do seminário, eles demonstram a tentativa de incitar no aluno a necessidade de um estudo mais profundo e a realização de pesquisas mais detalhadas sobre o conteúdo para o desenvolvimento da atividade. Implica, ainda, acrescentar que o seminário, mesmo pertencendo aos gêneros orais, não ocorre de forma improvisada e aleatória, sendo necessário, portanto, o planejamento para que a fala cumpra seu propósito comunicativo em sala de aula.

Assim, o gênero seminário escolar é tratado nesse livro, no capítulo 8 e na seção intitulada “fala planejada”. A denominação atribuída a essa seção instiga a ideia de ressignificação do conceito de fala como algo não mais vinculado à

improvisação, uma vez que a expressão “planejada” implica essa mudança de sentidos. A forma como o assunto é exposto no LD nos conduz ao entendimento de que o seminário necessita ser bem estruturado, objetivo e com base em uma sequência que proporcione o ensino e a aprendizagem dos saberes; portanto, deve ser também didático.

Os textos sugeridos no livro em questão revelam escolhas que objetivam manter uma aproximação com o cotidiano dos interlocutores do seminário e versam sobre a diversidade cultural e social dos jovens. Notamos, ainda, que a obra evidencia a definição e o propósito do seminário e expõe a importância de o orador mobilizar os aspectos argumentativos no processo de estruturação das falas, considerando sempre os contextos em que o gênero se realiza. O livro destaca ainda, além da estrutura e do tema, aspectos importantes, como a adequação da linguagem e o uso dos argumentos que compõem a organização do seminário.

Observamos que o LD orienta a organização do seminário considerando três segmentos fundamentais na estruturação textual: a introdução, na qual se apresenta o tema e o plano de exposição; o desenvolvimento, seção em que se expõem os encadeamentos dos subtemas e seus argumentos; e a conclusão, que consiste na fase de recapitulação dos tópicos abordados. Sob essa perspectiva, a interação desses elementos viabiliza tanto a organização dos conteúdos quanto a necessidade de se recorrer aos argumentos, de modo que se cumpra o objetivo do seminário: apresentar e defender uma temática perante uma comunidade discursiva, considerando a construção do planejamento, a exposição do tema e o uso dos argumentos que fundamentam os posicionamentos.

Para os autores do LD, esse gênero não precisa necessariamente ser realizado por um especialista, diferentemente da palestra e da mesa-redonda, por exemplo. Acreditamos que esse pode ser um dos motivos para o uso tão recorrente do seminário em ambiente educacional; no entanto, com relação ao gênero no espaço universitário, os conteúdos se relacionam a um saber científico, que envolve resultados de pesquisas com destaque para as experiências profissionais, culturais, valores sociais, entre outros conhecimentos.

Em se tratando do seminário na Educação Básica e com a finalidade de orientar sua realização, os produtores do livro evidenciam a exposição de textos, que representam o gênero, com a ilustração de uma palestra, intitulada “Cinco ideias

equivocadas sobre os índios", realizada pelo professor José Ribamar Bessa Freire, e sugerem que os alunos assistam à apresentação do professor disponibilizada no YouTube. Os autores instigam o aluno a experienciar o gênero que pode se configurar em uma atividade prática e aconselha que o texto motivador seja lido e refletido pelo estudante. Assim, com base nessa exemplificação, registramos que a escolha por uma temática, que se vincule a questões sociais, objetiva atrair o interesse do aluno para a realização do seminário, tendo em vista que esses gêneros emergem e se mantêm de acordo com as necessidades exigidas pelas práticas de linguagem e, conseqüentemente, pelas relações do falante com os aspectos socioculturais, como mostra Marcuschi (2003).

Ainda como forma de orientar o estudante, o livro registra que deve se iniciar a atividade de apresentação do seminário com expressões de cumprimento ao público e encerrar agradecendo aos presentes. De acordo com os autores, essa forma de começar o ato se configura como uma estratégia de aproximação do auditório que, a nosso ver, pode representar uma tentativa de estabelecer uma relação de maior entrosamento com o público. Por outro lado, ao concluir a apresentação com palavras de agradecimentos, essa atitude revela o encerramento do seminário e pode, também, figurar como uma maneira de valorizar o comportamento do auditório por se dispor a participar ativamente da atividade.

No processo de orientação da leitura do texto motivador, o LD sugere alguns questionamentos que objetivam instigar reflexões e, conseqüentemente, encaminhar possíveis aprofundamentos sobre a temática. Entre as questões, destacamos: "1. Que cuidados o falante tem ao inserir esse discurso? 2. Diga que tese é essa; 3. Em que outro trecho do parágrafo se faz o mesmo tipo de referência?" (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 173). Em vista da produção dessas interpelações, compreendemos que o uso de tais recursos no decorrer do texto oportuniza à construção de posicionamentos argumentativos pelo aluno, que estimule a capacidade de raciocínio na preparação e organização das respostas; materializando, portanto, a ideia de que todo texto requer um planejamento daquilo que será apresentado e, conseqüentemente, exige que o aluno (expositor) domine as questões que serão aprofundadas no seminário.

Em suma, o LD trata o gênero seminário escolar: i) como um texto, que evidencia elementos de uma temática central, em que os oradores assumem a defesa

de uma tese principal; ii) direciona-se a um auditório específico, a depender do espaço de realização, visto que esse gênero também faz parte de outras atividades na escola; iii) incentiva o uso da linguagem formal; iv) estimula a presença de argumentos com a finalidade de fundamentar os posicionamentos apresentados pelo(s) expositor(es); v) estrutura-se pela introdução, com a materialização, entre outros aspectos, do plano de apresentação do seminário; pelo desenvolvimento, cujo propósito, de acordo com o livro, configura-se na demonstração de provas concretas que embasam as concepções defendidas no seminário; e, por fim, pela conclusão, cuja finalidade consiste em uma retomada dos tópicos expostos durante o desenvolvimento da atividade, objetivando, ainda, nessa etapa da apresentação, construções textuais que, de alguma forma, possa estimular o envolvimento do aluno com o tema debatido no seminário.

Diante disso, os autores incentivam que o engajamento deve ser estabelecido entre o orador e o auditório, com vistas ao entendimento de que novos conhecimentos, dúvidas e/ou argumentos possam surgir no decorrer da exposição, uma vez que, na realização desse gênero, é possível o auditório participar ativamente do momento, inclusive expondo ideias, questionamentos e concepções diferentes. Obviamente, deve-se considerar, nas palavras dos autores, que “o produtor do texto procura usar palavras e expressões que organizam o discurso, favorecendo sua compreensão pelo ouvinte” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 174). Ou seja, o orador, na tentativa de atender aos objetivos do seminário, recorre a construções textuais que, na visão dele, facilitem o entendimento do interlocutor sobre o tema. Esse posicionamento, a nosso ver, evidencia a possível influência que o auditório exerce sobre o orador, sobretudo nas escolhas realizadas por ele, quando se propõe a expor a temática e/ou defender uma tese, assim como tratam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

Ao refletir sobre as possibilidades de interação, de acordo com os autores do LD, o expositor recorre ao uso de estratégias que viabilizem o entendimento das ideias defendidas, considerando a utilização de “[...] recursos [...] [que] podem tornar a apresentação mais consistente e interessante” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 181). O livro destaca que “exemplos, definições, dados estatísticos, infográficos, imagens [...]” etc. funcionam como uma espécie de provas, que se vinculam às experiências partilhadas com o auditório, estabelecendo com este uma relação

interacionista, baseada em valores capazes de motivar o estudante a querer saber mais sobre o tema.

Nesse caso, entre os recursos que reivindicam a atenção do auditório, consideramos também, neste trabalho, o uso das técnicas argumentativas, apresentadas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), como uma dessas estratégias que podem ser utilizadas pelo orador no processo de apresentação do seminário. Os autores supracitados sugerem haver certa interação entre a defesa da tese e o uso dos argumentos, considerando que esses componentes podem facilitar o entendimento do ouvinte e, principalmente, validar concepções e conceitos propostos pelo orador perante o auditório.

Assim, evidenciamos que, para se atingir tal finalidade, torna-se essencial a organização dos pontos de vista com relação ao tema a ser abordado, cabendo ao aluno pesquisar certa quantidade de textos que compõem a literatura sobre o assunto. Além disso, o estudante precisa analisar as informações pertinentes, sistematizar e hierarquizar as ideias com o objetivo de provocar a curiosidade no auditório.

Convém destacar que essas práticas iniciais de preparação se relacionam diretamente com a ação de estudar que, nesse caso, consiste no primeiro procedimento para a construção do seminário, pois é por meio da busca pelo saber sobre o tema que as questões mais relevantes podem ser selecionadas. Por conseguinte, a forma como essas informações são mobilizadas na construção do seminário podem funcionar como um elemento catalisador no processo de interação com o auditório.

Ainda sob a égide de manter a atenção do público na exposição dos dados durante a realização do seminário, outra questão merece destaque no processo: a relação dialógica estabelecida entre orador e auditório que se materializa, por sua vez, pela partilha dos conhecimentos. Essa interação precisa ser realizada de maneira clara e objetiva, de forma que os novos conceitos sejam entendidos e, possivelmente, ampliados.

Nas palavras de Cavalcante *et al* (2020, p. 26) “[...] é a partir da inscrição do sujeito nessa fala social e nessa doxa que ele busca orientar o olhar, o sentir e o pensar do outro com o qual interage e busca, conseqüentemente, influenciar esse outro no sentido, de ao menos, predispor-lo a uma determinada ação.” Nesse sentido,

é possível observar que o indivíduo tende a mobilizar construções textuais, objetivando atuar sobre o interlocutor, partindo da compreensão de que suas ações linguísticas podem provocar impactos no auditório a quem direciona o discurso, e é justamente esse o sentido de realização do seminário, a nosso ver. Por essa razão, cabe ao orador a função de selecionar os dados relevantes, organizar as ideias, sistematizar e hierarquizar as informações que melhor atendam ao propósito desejado pelos envolvidos na exposição.

Sobre o uso dos argumentos no LD em análise, podemos inferir que a noção de argumentatividade no gênero é construída também com base na mobilização das técnicas argumentativas (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), embora seja importante destacar que, teoricamente, esse tema não é registrado no livro com as denominações realizadas pelos estudiosos da teoria. Com base no que os produtores apresentam, é possível deduzir que essas técnicas são evidenciadas para embasar os encaminhamentos sugeridos pelos autores e como forma de motivar os alunos a utilizarem elementos que façam sentido para o auditório ou que pertençam à vivência da comunidade.

Nesse sentido, a presença do argumento de autoridade revela, de modo geral, a necessidade de destacar na apresentação o nome de alguém com prestígio social que fundamente os posicionamentos expostos pela equipe. Sobre esse argumento, a teoria da argumentação destaca que “[a] palavra de honra, dada por alguém como única prova de uma asserção, dependerá da opinião que se tem dessa pessoa como homem de honra” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 347). No LD, esse argumento é sugerido como forma de o aluno convocar uma autoridade no assunto para embasar as decisões definidas no seminário. Nesse sentido, quanto mais importante e conhecida for a pessoa, maior será, possivelmente, a credibilidade que o auditório atribuirá aos conteúdos expostos. Entendemos, portanto, que a presença dessa técnica endossa diretamente os dizeres daqueles que expõem a temática e está vinculada, nesse caso, aos saberes conteudistas sinalizados na exposição.

Com relação às ligações que fundamentam a estrutura do real, o LD registra o argumento pelo exemplo que pode funcionar como uma forma de instigar o estudante a mobilizar casos particulares, conhecidos pelo grupo e que provoquem no auditório a aceitação das informações expostas. Esse argumento objetiva estabelecer generalizações, ou seja, segundo Fiorin (2015, p. 185), “depois de narrar

que um fiscal de arrecadação foi preso em flagrante recebendo propina, concluímos que os fiscais são corruptos.” Nesse sentido, é possível compreender que o uso dessa técnica viabiliza condições de o auditório estabelecer determinadas conclusões a depender das exemplificações propostas pelo(s) expositor(es).

Em suma, queremos ainda acrescentar que “o estudo da argumentação nos obriga, de fato, a levar em conta não só a seleção dos dados, mas igualmente o modo como são interpretados, o significado que se escolheu atribuir-lhe” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 138). Sob essa perspectiva, as escolhas realizadas pelos alunos no processo de seleção dos conteúdos a serem explanados na organização do seminário (exemplificações, definições, dados estatísticos, infográficos, imagens, textos, vídeos, slides, entre outros) reivindicam um nível de conhecimento científico capaz de viabilizar interpretações e sistematizar dados relevantes que viabilizem ao interlocutor a construção de uma rede interconectada de saberes com relação ao conteúdo.

Esse gênero funciona como uma ferramenta pedagógica necessária ao processo de aprendizagem, pois promove, independentemente do espaço de realização, a socialização de conhecimentos tanto para aqueles que coordenam a atividade, como para os que fazem parte, no momento da exposição, do auditório. Assim, à guisa de encerramentos das análises, destacamos alguns pontos considerados importantes na utilização do seminário.

Quadro 1: Função do seminário

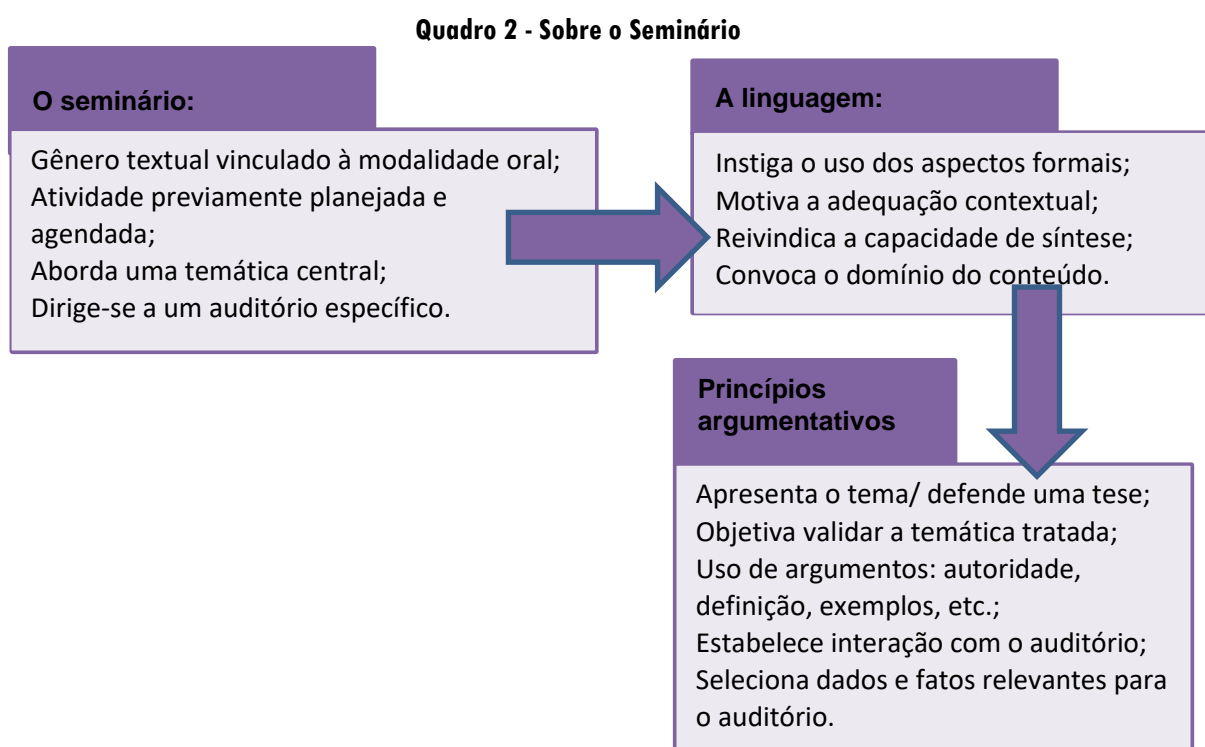
Atualização e acesso a novos saberes;
Amadurecimento intelectual;
Ampliação dos saberes já adquiridos;
Expansão da visão de mundo;
Desenvolvimento das habilidades de pesquisa;
Prática de comunicação escrita e oral;
Eclosão de novas possibilidades investigativas;
Interação entre orador e auditório.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Ormundo e Siniscalchi (2016).

No quadro 1, observa-se que o uso do seminário na sala de aula contribui para que os estudantes acessem novos conhecimentos sobre o tema a ser abordado e auxilia, principalmente, no processo de amadurecimento intelectual, sobretudo pelo incentivo à pesquisa. O seminário, ainda, proporciona a expansão e a ampliação da visão do aluno, no que se refere à forma como ele percebe a realidade, pois

possibilita o alargamento de informações teórico-metodológicas, com destaque, inclusive, para a prática da oralidade e da escrita, bem como instiga reflexões sobre as possíveis estratégias capazes de influenciar [ou não] o interlocutor. Acrescentamos, também, que além da possibilidade de aprendizagem conteudista, a prática desta atividade fomenta ou objetiva fomentar uma maior interação entre os participantes, tanto com relação a quem é o responsável pela exposição, que se prepara para coordenar as discussões, quanto pelo grupo que integra a função de auditório.

Apresentamos, a seguir, o quadro 2, com vistas a retratar os saberes que podem ser alavancados com o uso desta ferramenta pedagógica no ambiente educacional.



Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Ormundo e Siniscalchi (2016).

É possível constatar, pois, que o gênero textual em questão reivindica o uso adequado da linguagem, considerando o auditório para quem o seminário é dirigido; provoca no aluno a possibilidade de ele ser responsável direto sobre os conteúdos que serão abordados e, conseqüentemente, convoca um comportamento professoral por parte desses estudantes. A prática de seminário evidencia o uso adequado da argumentação, com o objetivo de influenciar este auditório, considerando além dos

recursos linguageiros, os dados, os valores, as crenças e as concepções partilhadas pelo grupo.

Nesse sentido, concluímos que o seminário emerge como um espaço de construção do conhecimento, seja na Educação Básica ou na universidade e acrescentamos que o gênero funciona como uma ferramenta pedagógica de grande relevância no processo de aquisição dos saberes do aluno, independentemente do nível de formação em que esse estudante se encontra. Estruturalmente, não há diferenças entre o campo escolar e o acadêmico, pois a disposição do seminário é similar, já que se trata de um gênero que, apesar de permitir mudanças para se adaptar ao ambiente de realização, compõe-se de elementos equivalentes na organização e exposição do gênero. Por conseguinte, os autores do LD, afirmam que “o seminário é uma prática comum principalmente no universo da escola, da universidade e das áreas relacionadas à pesquisa” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 172) e se destaca por promover interfaces entre questões teóricas e temáticas de cunho social.

Em relação à fase preparatória, o seminário exige a construção do planejamento de ações, considerando: a seleção dos textos e das informações pertinentes sobre o tema e a escolha dos argumentos que melhor atendam ao propósito do seminário visando persuadir o auditório no processo de realização da atividade. Registramos também a indispensabilidade do gênero nos espaços formativos, visto que seu papel educacional vai além de somente estabelecer um debate sobre determinado tema, já que a concretização do seminário viabiliza a construção, a socialização e a atualização dos saberes, suscitando futuras investigações.

Ainda de acordo com os aspectos analíticos deste trabalho, a presença da argumentação se materializa, de modo geral, pela tentativa de persuasão do auditório com relação aos conteúdos abordados, mas também pela presença dos argumentos, nesse caso, de autoridade, de definição e pelo exemplo. O LD define o seminário como um espaço em que circulam diversos tipos de comunicações, atribui valor de cientificidade à realização da atividade, destaca a necessidade de o orador compreender as questões argumentativas e, ainda, além de salientar a relevância do auditório nesse processo, instiga a preocupação em se planejar e preparar os procedimentos para a execução do gênero.

Em síntese, podemos afirmar que o LD: (i) contempla os estudos relacionados à oralidade, com destaque para o gênero seminário; (ii) estimula as discussões de relevância social a serem desenvolvidas na realização da atividade; (iii) suscita saberes diversos para a formação do aluno no processo de planejamento das ações; e, conseqüentemente, (iv) recorre a temas que instigam a mobilização de estratégias argumentativas no processo de organização da fala. De posse dessas considerações que, a nosso ver, vislumbram ampliar as discussões sobre letramento escolar, concluímos as ponderações expostas e, em seguida, apresentamos alguns posicionamentos à guisa de encerramento das abordagens presentes neste artigo.

Considerações finais

Esta pesquisa elege o seminário como objeto de estudos e salienta ser esse um gênero que se vincula aos orais, viabilizando a construção de pronunciamentos, com base em estudos científicos e que possibilita aos alunos um maior contato com os conteúdos em diferentes níveis de formação. Além disso, instiga o uso do planejamento como preparação para a realização da fala planejada e enfatiza a função do gênero como uma forma de socialização de pesquisas entre os sujeitos envolvidos na ação.

Com base nesses dados, o artigo se propôs a responder os seguintes questionamentos: i) como o seminário escolar é tratado na Educação Básica, considerando as atividades suscitadas no LD? e ii) quais recursos são mobilizados pelos autores quando apresentam as orientações que norteiam o processo de organização do seminário? Com relação a essas indagações, respondemos que o seminário é um gênero da oralidade, que se vincula a uma atividade pedagógica direcionada a quaisquer níveis de conhecimentos, com a finalidade de proporcionar ensino e aprendizagem tanto daqueles que ocupam o lugar social de orador e, portanto, são os responsáveis pelo plano de atividade, como pelos sujeitos que assumem o lugar de auditório nesse processo. Independentemente do espaço em que o seminário se realiza, ele objetiva proporcionar a construção, a circulação e a socialização de saberes.

Desse modo, o livro *Se liga na língua – volume 2* instiga, para a apresentação do seminário propriamente dito, o cuidado que o orador deve ter na escolha e seleção de elementos que promovam a compreensão textual e estimula a ideia de se

manter o interesse, a curiosidade e, até mesmo, a participação do auditório na realização do gênero. Além disso, a obra evidencia alguns elementos importantes na concretização da atividade: a tese, que deve se relacionar às pesquisas e análises realizadas anteriormente na fase de preparação; o auditório, entendido como o conjunto de pessoas ao qual se dirige o discurso; a linguagem, elemento pelo qual o orador deve sistematizar e organizar as informações objetivando facilitar o entendimento e a credibilidade da exposição perante a audiência; os argumentos, entendido como os recursos ou dados que promovem o embasamento das ideias apresentadas, como, a citação de autores, por exemplo; e, por fim, a estrutura (introdução, desenvolvimento e conclusão), que objetiva salientar os itens essenciais para a construção de sentidos durante a exposição.

Frisamos a importância de continuidade desta investigação, pois julgamos ser necessário, ainda, um maior aprofundamento com relação aos gêneros orais na formação estudantil. Além do mais, acrescentamos que as discussões tratadas nesta pesquisa possibilitam reflexões capazes de instigar a construção de um sujeito mais participativo, visto que, ao tomar a palavra, há sempre a tentativa de o orador incitar no auditório uma possível resposta a construções textuais apresentadas e despertar outros posicionamentos a dizeres que ainda serão proferidos no devir.

Referências

- ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 13. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.
- AMOSSY, Ruth. As modalidades argumentativas do discurso. *In*: LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Lúcia; EMEDIATO, Wander (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. Vol. 1. Rio de Janeiro: nova fronteira, 2008.
- AMOSSY, Ruth. **A Argumentação no Discurso**. Coordenação de tradução: PIRES, Eduardo Lopes; FERREIRA, Moisés Olímpio. São Paulo: Contexto, 2018.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Curricular Comum**. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 maio 2021.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília; MEC, 1999.
- BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília; MEC, 2008.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra; MELO, Cristina Teixeira Vieira de. Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática. *In*: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia; KLEIMAN, Angela B (Orgs.). **Português no ensino médio e formação de professores**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CAVALCANTE, Mônica, Magalhães, et al. **Linguística Textual e argumentação**. São Paulo: Ed. Pontes, 2020.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; DE PIETRO, Jean-François; ZAHND, Gabrielle. A exposição oral. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. **Gêneros orais e escritos na Escola**. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

GOULART, Cláudia. A caracterização do gênero exposição oral no contexto das práticas de linguagem na escola. **Olhares & Trilhas**. Uberlândia. vol. 19, n. 2, jul./dez. 2017.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez. 1987.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais e ensino**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva (Orgs.). Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Fala e escrita**. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

NASCIMENTO, Décio Dantas do; SILVA, Paulo Garbelotto Henrique; GLADENUCCI, Paula Fabiane Sartori. As diferenças entre seminário acadêmico e seminário escolar para o ensino/aprendizagem do gênero na educação básica. **Simpósio internacional de linguagens educativas**. Bauru/SP, 17-18 maio 2018.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. Produza seu seminário. *In*: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem - 2º ensino médio**. São Paulo: Moderna, 2016. cap. 8. p. 180-183.

PERELMAN, Chaim. OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: A nova retórica**. 2. Ed. São Paulo: Martins Freire, 2005.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. **Gêneros orais e escritos na Escola**. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2004.

Submetido em 31 de maio de 2022.

Aceito em 28 de julho de 2022.